



## Remote teaching in early childhood education: reflections on teaching and learning in the context of the pandemic

### O ensino remoto na educação infantil: reflexões sobre o ensino e a aprendizagem no contexto da pandemia

SILVA SOBRAL, Denson André Pereira da <sup>(1)</sup>; SANTOS, Ellen Carla Gomes dos <sup>(2)</sup>; SILVA, Eliada Isley do Vale<sup>(3)</sup>; FEITOZA, Mara Alves<sup>(4)</sup>; SILVA, Elaine Barbosa da<sup>(5)</sup>.

<sup>(1)</sup> 0000-0002-9411-7001; Universidade Federal de Alagoas. Aracaju, Sergipe (SE), Brasil. E-mail: densosobral@gmail.com.

<sup>(2)</sup> 0000-0002-8233-0841; Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, Alagoas (AL), Brasil. E-mail: ellen.santos@delmiro.ufal.br.

<sup>(3)</sup> 0000-0001-5287-1041; Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, Alagoas (AL), Brasil. E-mail: islleyliada@gmail.com.

<sup>(4)</sup> 0000-0002-3327-1734; Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, Alagoas (AL), Brasil. E-mail: alvezmara85@gmail.com.

<sup>(5)</sup> 0000-0002-2485-7370; Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, Alagoas (AL), Brasil. E-mail: alainebarbosa19@gmail.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

#### ABSTRACT

Classes and remote activities have been relevant so that the teaching and learning process is not paralyzed in the current context of the COVID-19 pandemic, which is still ongoing. This pandemic has brought drastic changes, behavioral and people's way of life. In the educational field it was no different, the school routine was one of the most impacted. Therefore, this article has the general objective of analyzing the difficulties in remote teaching in the teaching and learning processes, and with specific objectives to reflect on the strategies used by schools to overcome the impasses/difficulties of remote teaching and identify the methodologies used by teachers during the pandemic moment. As a methodological procedure, we endow the research with a qualitative nature, seeking to analyze the reports of part of the school community through the considerations and experiences of teaching, parents and guardians of the student in an educational institution. The results reveal several difficulties of all those involved in the educational process.

#### RESUMO

As aulas e as atividades remotas têm sido relevantes para que o processo de ensino e aprendizagem não fosse paralisado no atual contexto da pandemia da COVID-19, ainda em curso. Essa pandemia trouxe mudanças drásticas, comportamentais e do modo da vida das pessoas. No campo educacional não foi diferente, a rotina escolar foi uma das mais impactadas. Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar as dificuldades no ensino remoto nos processos de ensino e de aprendizagem, e como objetivos específicos refletir à cerca das estratégias utilizadas pelas escolas para superar os impasses/dificuldades do ensino remoto e identificar as metodologias utilizadas pelos professores durante o momento pandêmico. Como procedimento metodológico, dotamos a pesquisa de natureza qualitativa buscando analisar os relatos de parte da comunidade escolar por meio das considerações e vivências da docência, pais e responsáveis pelo educando de uma instituição de ensino. Os resultados revelam diversas dificuldades de todos os envolvidos no processo educacional.

#### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

##### *Histórico do Artigo:*

Submetido: 04/03/2022

Aprovado: 22/05/2022

Publicação: 01/07/2022



##### **Keywords:**

Early Childhood Education; remote teaching; teaching and learning.

##### **Palavras-Chave:**

Educação Infantil; ensino remoto; ensino e aprendizagem.

## Introdução

No começo do ano de 2020, o mundo paralisou devido ao COVID-19. Essa doença trouxe vários transtornos à população, exigindo, diante do grande contágio e do número de mortes que provoca, distanciamento físico entre as pessoas. Na esfera educacional não foi diferente, as escolas tiveram que ser fechadas e encontrarem outras formas de ensinar e aprender para não interromperem o ano letivo de 2020. Inicialmente, a maioria das escolas adotaram os recursos tecnológicos e digitais para conseguirem atingir os alunos que agora estavam isolados em suas famílias e distanciados das salas de aulas.

No entanto, esse movimento não foi tão simples assim, pois como sabemos, de um lado temos uma sociedade desigual, em que a maioria da população não tem acesso aos bens de consumo básicos e de outro os velhos problemas que a educação brasileira enfrenta a décadas como falta de infraestrutura, investimentos, entre outros.

Essas particularidades se tornaram tão evidentes no contexto educacional que os docentes brasileiros, acostumados a desafios gigantescos, tiveram que, sozinhos, desdobrarem-se para dirimir as exclusões sociais que sempre conheceram de perto, mas que a pandemia escancarava para todos.

Como muitos alunos sequer tinham internet e/ou dispunham de aparelhos de celular, computador ou qualquer outro dispositivo tecnológico para entrarem no sistema remoto de ensino, os docentes buscaram elaborar um plano de atendimento aos alunos que fosse condizente com a realidade social da comunidade escolar que atuavam.

Vale salientar que essa busca do professor foi solitária. O próprio Ministério da Educação (MEC) brasileiro demorou meses para elaborar uma orientação sobre as possibilidades de ensino e aprendizagem no contexto da pandemia. Algumas secretarias de educação, por sua vez, acompanharam o órgão máximo da educação e orientaram os professores e não fizeram capacitação e/ou planejamento para tentar dirimir as adversidades que as escolas iriam encontrar pela frente.

O trabalho com material impresso distribuído aos alunos foi a alternativa inicial para a maioria das escolas, sobretudo aquelas em que os alunos moravam distante e/ou não tinham acesso à internet. Ressalte-se o fato que, segundo o IBGE, boa parcela da população urbana não tem acesso à internet, em torno de trinta por cento, na zona rural chega-se a mais de setenta por cento. Soma-se a isso, o fato de que o equipamento mais utilizado pela maioria das famílias é o celular, que muitas vezes não tinha memória necessária para baixar aplicativos, vídeos-aula, fazer *download* e internet que desse conta de plataforma *on-line*. Além da taxa de analfabetismo girar, sobretudo na região nordeste, em torno de quinze por cento.

Como dissemos mais acima, esses são problemas históricos da desigual sociedade brasileira. Na educação, particularmente, sempre houve precariedade das condições dos equipamentos, falta de estrutura e internet nas escolas, carga horária excessiva, salários defasados e muitos outros problemas que interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Problemas que não foram originados na pandemia, mas apenas saíram de ‘debaixo do tapete’ e foram expostos para todos verem.

Diante dessa conjuntura, os professores que estavam acostumados a um formato de ensino presencial, tiveram que ressignificar suas práticas e seus planejamentos de ensino por meio de novas ferramentas e/ou equipamentos que conseguissem atingir a maior parte dos alunos. Esta pesquisa nasceu do acompanhamento desse processo de luta dos professores de uma escola envolvida com o Programa de Iniciação à Docência (PIDIB), do qual os autores deste trabalho fazem parte e puderam observar empiricamente o desenvolvimento das atividades escolares no contexto pandêmico.

A pesquisa é de natureza qualitativa buscando analisar os relatos de uma docente da escola, *campus* do PIBID, e de três mães de alunos por meio das considerações e vivências do processo destes durante o ano letivo de 2020. Ressaltamos que entrevistamos pais e mães, no entanto só as mães responderam. Acredita-se que seja pelo fato delas estarem mais presentes na vida escolar dos alunos. Como isso não é objeto de estudo deste trabalho, não aprofundaremos essa questão. O contexto da pesquisa é o município de Delmiro Gouveia/AL. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário e das observações dos bolsistas pibianos durante o ano de 2020.

Para a compreensão dos dados, optou-se por transcrever as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa, tais quais aparecem no instrumento de coleta, preservando a identidade deles, conforme solicitação deles. Acreditamos que essas respostas são reveladoras dos entraves e dos desafios do ensino e da aprendizagem dos estudantes da escola, *campus* da pesquisa, no contexto do ensino remoto.

### **Procedimentos metodológicos**

Este trabalho pauta-se na pesquisa qualitativa buscando analisar as respostas de uma docente e quatro mães de alunos sobre as dificuldades vivenciadas durante o ano escolar de 2020 que, para efeito de análise, serão nomeadas de Professora A e Mães A, B, C e D. O instrumento de coleta de dados selecionado foi um questionário aberto contendo nove perguntas, aplicado junto aos sujeitos da pesquisa, que responderam as questões individualmente por meio de um formulário digital. Buscou-se evidenciar nas perguntas desse

instrumento de pesquisa as situações reais que foram vivenciadas pelos professores e a família no contexto da pandemia.

Na visão de Ludke e Andre (1986), a pesquisa qualitativa é pautada em cinco conceitos básicos, são eles:

1. A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como um seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantes descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com produto.
4. O significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE E ANDRE, 1996, p. 11-12)

Dessa forma, como um primeiro gesto de pesquisa observou-se empiricamente as dificuldades e desafios encontrados pelos professores e pelos pais durante todo processo educativo. Em seguida, procurou-se coletar os dados, por meio de um questionário, descrevendo suas respostas e seus significados, num momento seguinte. Finalmente, de posse dos dados dos sujeitos da pesquisa, procurou-se analisá-los levando-se em consideração as respostas dadas pelo professor e pelas mães.

### **Breves considerações sobre a Educação Infantil no contexto da pandemia**

Conforme preconiza a legislação educacional brasileira, a educação infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, deve centrar-se em três eixos: brincar, cuidar e aprender, pois como se sabe, para as crianças de 0 a 5 anos quase tudo na vida é brincadeira. No entanto, o grande desafio é tornar esses eixos uma unidade, tendo em vista que não faz sentido separar momentos de brincar, de aprender e do cuidado com a criança.

Esse desafio amentou com o contexto pandêmico da coronavírus iniciado no final de 2019 (Covid-19). A unificação dos três eixos acima que já era difícil de ser efetivada no ensino presencial, tornou-se ainda mais desafiadora no ensino remoto, em que alunos e professores não estão no mesmo espaço físico e desenvolvem atividades pedagógicas não presenciais, adotado pela maioria das escolas como alternativa de continuidade da escolarização das crianças, uma vez que para consegui-la é preciso pensar na escola como um todo e organizar os espaços e a rotina escolar por meio de um planejamento que proporcione uma multiplicidade de experiências, em que o contato físico com o professor e os colegas de turma é fundamental para a socialização e a conquista da autonomia das crianças.

Neste particular, a integração de todos que fazem a escola (setor administrativo, educadores, planejamento pedagógico e a organização de todos os espaços das unidades escolares), ficou quase que impossibilitada durante a pandemia, uma vez que a interação entre todos passou a ocorrer por meio das telas dos dispositivos tecnológicos. Dessa forma, a escola

teve dificuldade de trabalhar simultaneamente o cuidar, o brincar e o aprender, conforme preconizam o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) que asseguram às crianças de 0 a 5 anos os seguintes direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Como sabemos, esses direitos são garantidos quando construídos a partir das experiências que as crianças devem ter no cotidiano das escolas de Educação Infantil, o que torna a mediação e o planejamento do professor e toda organização escolar fundamentais nesse processo, uma vez que o cuidar, aprender e brincar estão imbricados (ANDRADE, 2010). Ainda sobre esse assunto, percebeu-se que o professor da educação infantil teve muita dificuldade de articular na rotina e no planejamento do ensino remoto, os campos de experiências elencados na BNCC (2018), quais sejam: o eu, o outro e nós; corpo, gesto e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaço, tempo, quantidade, relações e transformações e seus respectivos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento distribuídos em três grupos etários: bebês (0 a 1 ano e 6 meses; crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Essa dificuldade se deu principalmente pela falta de contato físico com as crianças e de espaço e de recursos educacionais semelhantes aqueles encontrados nas aulas presenciais.

Outra dificuldade encontrada pelos docentes de educação infantil foi a antiga ideia assistencialista e domésticas de algumas famílias com relação a essa etapa de ensino, que retiram e/ou não acompanharam as crianças durante a pandemia, por considerar as escolas de educação infantil como o lugar onde os pais deixam as crianças para os professores cuidarem, enquanto eles trabalham. Para Andrade (2010), historicamente, as escolas que atendem às crianças pequenas revelam uma polarização entre o cuidar e o educar. As creches e as instituições educativas de atendimento as crianças de 0 a 3 anos de idade, foram, por muito tempo, reconhecidas apenas como espaços de assistência, destinadas ao amparo, proteção e guarda das crianças empobrecidas, enquanto a pré-escola, destinada as crianças de 4 a 5 anos, sempre teve uma proposta educativa, o que, às vezes, limitava-se a modelos escolarizantes, compensatórios e ou preparatórios para as etapas seguintes de escolarização.

Neste particular, Oliveira (2012) afirma que é imprescindível que todos concebam a criança enquanto sujeito produtor de conhecimento e que o professor atue enquanto mediador de uma prática docente embasada no cuidar e no educar, ou seja, comprometida com os direitos fundamentais das crianças e no oferecimento de espaços acolhedores, criativos e seguros, os quais criem oportunidades de aprendizagem e experiências com os saberes e as linguagens de nossa sociedade.

Essa mediação do professor deve se realizar a partir das particularidades e características de cada criança, dos cuidados básicos com elas, das relações de afetividade e da ludicidade, isto é, por meio da articulação entre o cuidar e o educar. Tais demandas são extremamente importantes na formação do futuro professor da educação infantil que deve buscar uma formação polivalente em várias áreas, ao tempo que reflita sobre seu trabalho, avaliando-o constantemente como forma de retroalimentação de sua prática profissional.

Notou-se, no entanto, que essas particularidades da educação infantil tornaram-se, por um lado, dificuldades na gestão do apoio pedagógico aos alunos, uma vez que p contato com as crianças era mediado pelas telas dos dispositivos eletrônicos, os espaços educativos, por sua vez, transformaram-se em ambientes improvisados nas casas dos alunos e dos professores, que nem sempre ofereciam oportunidades para se trabalhar os três eixos apontados acima, isto, o cuidar, o brincar e aprender. Por outro lado, tais adversidades apontadas neste trabalho contribuíram enormemente para a formação dos pibidianos, licenciandos em Pedagogia, uma vez que elas mostraram a importância do professor e do contato físico com as crianças e também da organização dos espaços e do planejamento para a efetivação da educação infantil.

## **Resultados e discussões**

Como afirmado anteriormente, a pesquisa buscou verificar como ocorreu o processo de ensino e aprendizagem no contexto da pandemia iniciada no ano letivo de 2020 e ainda em curso. Para atingir esse objetivo confeccionou-se um questionário, com nove questões abertas, que foi aplicado junto a quatro sujeitos: um docente e três mães, como afirmado anteriormente, todos do município de Delmiro Gouveia/AL. Apesar dos resultados, que emergiram da análise desse instrumento de pesquisa, destacou-se as que se seguem.

Primeiro, perguntou-se sobre os pontos positivos e negativos do ensino remoto a docente e aos responsáveis pelos alunos, as mães, para fins desta análise, nomeá-los-emos de professora A, mãe A, mãe B e mãe C. Para essa pergunta a professora A respondeu que:

Um dos pontos positivos foi à aproximação da escola com a família, uma vez que estamos em contato diário através do grupo de *WhatsApp*, e esta assumiu mais responsabilidade sobre a educação das crianças passando a reconhecer e valorizar o trabalho do professor. Porém, o quantitativo alcançado foi mínimo, por mais esforço feito por nós professores, não conseguimos obter participação efetiva de 50% das crianças. Temos consciência que boa parte das famílias não tem condições financeiras para manter um plano de internet, além de sair para trabalhar e não poder acompanhar as crianças nas aulas. No entanto, observa-se também a desvalorização na instituição família pela educação sistematizada nessa fase da vida da criança. É como se a etapa da Educação Infantil ainda tivesse a mesma função da época da sua criação aqui no Brasil, onde as creches serviam de depósito para as crianças enquanto os pais trabalhavam. (Professora A, dado da pesquisa, 2021)

O depoimento da docente acima mostra que a pandemia trouxe uma melhor relação entre a escola e família, pois permitiu que os pais tivessem maior contato com os professores

dos filhos deles e, ainda, que os pais passaram a valorizar mais o trabalho do professor. A aproximação da família com a escola e o acompanhamento mais de perto do processo da aprendizagem dos alunos pela família sempre foi uma queixa da escola. Esse acompanhamento foi maior na pandemia porque muitos pais estavam trabalhando remotamente ou desempregados, mas sabemos que as próprias condições socioeconômicas das famílias brasileiras não permitem que elas estejam em contato constante com os filhos, já que precisam trabalhar muitas horas durante o dia.

Outra questão levantada pela docente é que os pais passaram a assumir mais responsabilidade sobre a educação das crianças, o que releva o desejo da docente dos pais protagonizar mais na educação dos filhos. No entanto, é sabido que muitos pais não têm como oferecer um apoio melhor aos filhos, uma vez que a maioria deles é analfabeta e possuem pouco letramento sobre os conhecimentos escolares.

Com relação aos pontos negativos a professora relatou que os pais veem a educação infantil como menos importante que as outras etapas educacionais. Ela ressaltou que alguns pensam nessa etapa da educação básica com um depósito onde os pais podem deixar seus filhos para trabalharem. Essa inferência da docente pode ter sido gerada pelo fato dela entender que alguns pais não acompanham o processo educacional do filho e pelo fato que na pandemia a Educação Infantil foi a etapa educacional que obteve maior evasão escolar. Muitos pais simplesmente retiraram seus filhos da escola, talvez por entenderem equivocadamente a função da Educação Infantil, como afirmou a docente. Essa observação da professora regente coaduna com o que afirma Andrade (2010) quando diz que a educação infantil ainda é tratada como uma espécie de assistencialismo, ou seja, ela se transforma no lugar onde os pais deixam as crianças para os professores cuidarem, enquanto eles trabalham.

Quando a pergunta acima foi feita aos responsáveis pelos alunos, uma mãe destacou que o “uso de novas tecnologias nas estratégias de ensino como ponto positivo” e “falta de participação e interatividade na aula” como um ponto negativo, destacando que “no caso da minha filha, ela chora e não quer ficar prestando atenção nos áudios do *WhatsApp*”. A mãe B ressaltou que “os pontos positivos e que os alunos não tem o contato físico um com os outros (*sic*). O ponto negativo é que o ensino não é presencial, pois isso dificulta o aprendizado da criança”. Por sua vez, a mãe C disse que “positivos foi mais tempo com a família e negativo não nos concentramos muito”.

Observa-se que as mães destacaram como pontos positivos o uso das tecnologias digitais, não ter contato físico com outras crianças e poder ficar mais com a família. Esses depoimentos revelam o que já afirmamos anteriormente, alguns pais conseguiram estar mais presentes porque puderam ficar trabalhando de casa e que as tecnologias permitiram que o distanciamento fosse apenas físico, pois elas permitiam o contato social com os alunos

da turma. Por outro lado, como pontos negativos todas as mães reclamaram da falta de interatividade face-a-face e do contato físico para aprender.

De certa forma, os pais perceberam a importância da instituição escolar para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos filhos. Esse fato nos chama a atenção porque vai de encontro ao que afirma a professora A, o que nos faz entender que as questões macro da sociedade e as condições socioeconômicas das famílias afetam diretamente na qualidade do acompanhamento da família no processo educacional dos filhos.

Como se sabe, relação entre a família e a escola é muito importante para desenvolvimento pessoal e intelectual dos alunos. Na pandemia, como observamos nos depoimentos acima, ela tornou-se mais efetiva, visto que com o distanciamento físico entre as pessoas, particularmente, entre os docentes e os discentes, os pais passaram a ser o elo entre estudantes e a escola. Apesar de alguns pais não entenderem os papéis sociais de da instituição escolar, como sugere a professora, sabemos que a comunicação com as famílias é necessária, sobretudo para que a família entenda melhor a função e a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças.

A segunda pergunta do questionário abordou sobre as estratégias utilizadas e adotadas para realização das aulas, objetivando o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e a terceira indagação queria saber sobre os impactos do uso das tecnologias no fazer pedagógico, além de questionar como o professor organizou seu planejamento a partir delas. A resposta da professora é a que segue abaixo:

Fomos adaptando as práticas pedagógicas já utilizadas nas aulas presenciais e adicionamos novas estratégias no dia a dia das atividades propostas buscando atender às demandas da nova realidade posta com a pandemia. Priorizamos estratégias que promovem mais engajamento, participação e interação das crianças tornando-as mais ativas no seu processo de aprendizagem. Criamos um grupo de *WhatsApp* com as famílias que disponibilizaram o contato na escola e através do aplicativo desenvolvemos a rotina que já usávamos anteriormente na escola. Gravamos vídeos com a acolhida, o calendário, a chamada, sempre alternando as propostas para não se tornar cansativo para as crianças. Temos(*sic*) diariamente uma leitura ou contação de histórias onde realizamos a interpretação através de áudios no grupo e a devolutiva é satisfatória. Relacionada a história é desenvolvida uma atividade impressa ou de registro no caderno. Para finalizar é compartilhado o vídeo com a proposta de uma brincadeira onde também temos uma participação a contento. Para as crianças que não estão no grupo do aplicativo *WhatsApp* são disponibilizadas na escola atividades impressas com orientações para serem realizadas pela criança com a colaboração da família. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

Como podemos observar no depoimento da professora A, para dirimir os prejuízos da pandemia, ela persistiu na continuidade do ano letivo adotando os recursos que dispunha, adequando-os à realidade dos alunos dela. Inicialmente adotou o aplicativo *WhatsApp* como a forma de manter a escolarização das crianças, além da utilização de vídeos e áudios que eram direcionados às crianças no grupo de *WhatsApp* criado para a turma. Os dados mostram que a realidade dos alunos não os permitia assistir aulas on-line

remotamente e que eles não possuíam internet de qualidade para usarem as plataformas disponíveis. Como se sabe essa é a realidade da maioria das crianças das camadas mais populares, como a atendida pela professora.

No entanto, a professora não permitiu que as aulas fossem interrompidas e, por meio do grupo de *WhatsApp* solicitou a colaboração da família. O sucateamento das escolas públicas: falta de investimentos, estrutura insalubre, poucos recursos tecnológicos, matérias de consumo, entre outros, sempre estiveram presentes no dia-a-dia dos professores, mas como podemos observar no depoimento acima ele ficou mais evidente, pois como mostra a professora A, as iniciativas para que a escolarização das crianças não fosse interrompida partiram todas da própria docente. Vejamos mais abaixo o que ela diz quando perguntamos sobre o auxílio que ela teve para efetivar a transposição do trabalho presencial para o *on-line* e sobre os impactos do uso das tecnologias no fazer pedagógico dela:

Inicialmente não tivemos auxílio da SEMED, a própria escola se organizou para ver quais ações iriam implantar. Não tínhamos internet na escola, então optamos por uma busca dos números de telefones dos alunos ou pedíamos algum funcionário da escola ir na(sic) casa dos alunos que não conseguíamos contato. Com relação ao uso das tecnologias, considero muito positivo o uso das ferramentas tecnológicas na prática docente, porém muitas delas não eram utilizadas antes da pandemia pela maioria dos profissionais da educação. Atualmente temos a certeza que esse aprendizado forçado pela emergência terá continuidade e será bem mais explorado no ensino presencial. Vivemos em um mundo globalizado onde a tecnologia impera e evolui a cada instante, a escola precisa acompanhar esses meios e utilizá-los em sua rotina, se isso não prevalecer não teremos condições de manter o interesse e participação da nossa clientela. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

Observa-se que assim como aconteceu como o MEC que demorou muito para criar um plano para que as escolas públicas brasileiras não interromperem a escolarização dos alunos, no âmbito municipal, os professores também não tiveram uma orientação clara sobre o que fazer para evitar a interrupção das aulas. Como não foram orientados a maioria dos docentes transpuseram o que fazia no ensino presencial para o ensino remoto, conforme constatamos no depoimento da professora A.

No ensino remoto seria necessário que os professores tivessem acesso aos pressupostos e aos critérios para selecionarem essa ou aquela plataforma e/ou aplicativo, bem como as tecnologias digitais mais adequadas para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. A literatura mostra que o ensino presencial e o ensino remoto têm características específicas, logo para escolher as plataformas/tecnologias digitais mais adequadas para o processo de ensino e de aprendizagem é necessário conhecer os softwares/apps/ferramentas disponíveis, analisar sua utilização do ponto de vista pedagógico, examinar sua pertinência e conteúdo, tal como a realidade social do público que se pretende atingir.

Esse conhecimento, como se observa no depoimento da professora A, não foi disponibilizado aos docentes, que também tiveram que utilizar a própria internet de casa para realizar as atividades escolares. Os dados revelam que o professor protagonizou, sem orientação de nenhuma instância superior, as próprias iniciativas adotadas no contexto da

pandemia na escola. Sobre toda essa conjuntura, assim se expressa a professora A, quando questionada sobre os desafios do ensino remoto:

Os desafios são diversos, primeiramente não tínhamos nos preparado para isso. Não recebemos formação para o uso das tecnologias e fomos pegos de surpresa, tivemos que nos adequar a essa forma de ensino sem apoio governamental nenhum. As famílias também tiveram que se adaptar a tudo isso e a maioria delas sem condições financeiras e cognitivas para assumir as responsabilidades que precisavam. Se a educação no Brasil já não era de qualidade, atualmente nos encontramos no caos, foram dois anos onde pouquíssimos alunos da rede pública, principalmente na Educação Infantil, tiveram acesso e acompanhamento efetivo das aulas virtuais. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

Quando perguntado às mães sobre as ferramentas adotadas para o ensino e o aproveitamento delas na aprendizagem, elas responderam que “a professora utilizava vídeos e áudio, diversas brincadeiras e histórias, diversos trabalhos em casa sem interação presencial com outras crianças, desenhos, aulas lúdicas, apontando que o desafio da professora era fazer com que a criança aprenda, pois muitas vezes ficava sem entender a maioria dos assuntos, outras vezes alcança o objetivo da aula” (Depoimentos mães A, B, C, 2021, modificado). Apontaram também que o celular foi de fundamental importância, pois nunca “imaginariam que o ele seria a ferramenta necessária para que acontecessem as aulas, uma vez que era proibido usá-lo (Depoimento mãe C, 2021). E agora era a ponte para a educação no período de pandemia”

Procurou-se saber também sobre quais os desafios da família com relação ao processo de aprendizagem dos alunos na pandemia, as mães responderam o seguinte:

Mãe A: Muitos. Os pais tem que se desdobrar pra fazer tudo e ainda trabalhar fora. É complicado também para os professores que gostariam de ter mais resultado(sic) e participação. Mãe B: O grande desafio é a escola provar que realmente as crianças estão aprendendo de verdade, por mais que a gente pai ou mãe ensine em casa não existe uma interação com as outras crianças, pois interação ajuda muito o aprendizado de cada um. Mãe C: Muitos, porque não sabemos como o aluno se desenvolver e quais as dificuldades. Mãe D: Infelizmente, o discente nem todos tinha(sic) celular. (Depoimentos das mães A, B e C, dados da pesquisa, 2021).

Os depoimentos acima evidenciam a importância da convivência das crianças com o professor e com os outros colegas. Mostram ainda que as mães desconfiam da efetividade da aprendizagem dos filhos e alguns revelam a dificuldade em ajudá-los no processo de aprendizagem. Como já afirmado anteriormente, muitos pais são analfabetos e poucos podem ajudar os filhos quando eles têm dúvidas nas atividades. Esse fato nos levou a refletir sobre as especificidades do ser professor e que, apesar de ser importante a participação da família, o maior responsável pelo o ensino e pela a aprendizagem dos estudantes é o professor, as famílias são apenas partícipes do processo.

Na pergunta seguinte, questionou-se sobre o acesso dos alunos às ferramentas utilizadas durante a pandemia. A professora A afirmou que, na etapa educacional em que trabalha: a Educação Infantil, a minoria tem acesso às ferramentas digitais. No entanto, por serem crianças pequenas dependiam exclusivamente de um responsável para utilizar os

recursos. Grande parte das famílias possui o celular, porém precisava utilizar para o trabalho e, na maioria delas, não tinham condições financeiras para manterem a internet (Depoimento professora A, 2021). As mães, por sua vez, apontaram as seguintes dificuldades:

Mãe A: Sim, mas como eu trabalho muitas vezes não estou em casa com o celular na hora das aulas. Mãe B: Com certeza tem, com esforço dois pais, ou seja, nem toda família pode ter dinheiro para comprar um smartphone, ou seja, o Governo não contribui de emprestar um dispositivo para elaboração de aulas online. Mãe D: Infelizmente nem todos os alunos têm acesso a Internet, dificultando a aprendizagem. (Depoimentos das mães A, B e D, dados da pesquisa, 2021).

Nota-se que foram muitas as adversidades para a implantação do ensino remoto e que os pais acabaram assumindo mais responsabilidade quanto ao acompanhamento dos filhos, já que muitos utilizavam o próprio aparelho existente na família para se comunicarem com a professora. Talvez seja esse o efeito positivo relatado pela professora A na primeira pergunta do questionário: uma maior aproximação entre escola e as famílias, o que permitiu que elas compreendessem melhor o trabalho do professor e o processo de aprendizagem dos filhos. Sendo possível que esse hábito perdure no retorno das aulas presenciais.

Diante dessa maior participação das famílias, indagou-se também sobre como os sujeitos da pesquisa viam o fato dos pais assumirem o papel de orientação das atividades escolares dos filhos. Sobre esse assunto a professora A destacou que

Também não foi fácil, eles não estavam e nem estão preparados para assumirem esse papel. Observa-se, nas famílias onde as crianças participam ativamente, que em sua maioria, são as mães que assumem esse papel e algumas tiveram alguma formação docente ou outra formação em ensino médio, facilitando mais o manejo com as crianças e tendo consciência da importância da participação dos filhos nas atividades propostas. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

A professora destaca que uma das dificuldades do maior acompanhamento dos pais nas atividades escolares é a pouca formação deles. É fato que grande parte dos pais dos alunos são analfabetos e/ou analfabetos funcionais, pois conforme já afirmado anteriormente uma boa parcela da população brasileira se encontra nesse estado de conhecimento sobre a leitura e a escrita, sobretudo nas camadas mais populares. Como podemos verificar no depoimento da mãe B “a educação no Brasil é um pouco falha tipo(*sic*) tem muitos pais de família que não sabem de nada, ou seja, não são alfabetizados, e isso dificulta, passar para as crianças uma coisa que muitos deles não sabe(*sic*) ou seja isso torna-se(*sic*) muito difícil para todos”(Depoimento mãe B, 2021) e da mãe D: ” Admito, um desafio, pois muitos não são alfabetizados, dificultando assim o aprendizado dos seus filhos”(Depoimento mãe B, dados da pesquisa, 2021).

Esse fato agigantou o trabalho dos professores nas escolas, pois sabendo dessa condição dos pais, muitos professores tiveram que além de orientar os alunos nas atividades

escolares, orientavam também os pais deles de como proceder quando fosse ajudá-los. Foi comum o professor indicar aos pais o procedimento para executar aquela atividade em casa, já que ele não podia estar perto das crianças. Diante disso, o trabalho do professor mais que dobrou no sistema remoto, apesar da sensação de que pouco ele estava fazendo.

Com o decorrer da pandemia, o professor se viu num excesso de cobrança burocrática de planejamentos, relatórios, registro de presença dos alunos e até da comunicação com eles e os pais deles que antes era olho no olho, mas no contexto da pandemia precisava ser por mensagens instantâneas, telas, vídeos, imagens, entre outras, o que demanda uma disponibilidade de tempo maior para executar todas essas tarefas. A frustração e sensação de improdutividade, além da visão corrente na sociedade de que os professores estavam em casa em férias, geraram um esgotamento físico e psicológico sem precedentes na maior parte dos docentes.

Por fim, questionamos os participantes da pesquisa sobre os avanços e recuos percebidos por eles nesse processo de ensino remoto na Educação Infantil. Neste particular a professora A observou que:

Por se tratar de criança pequena, esse sujeito está sempre em desenvolvimento, mesmo sem frequentar a escola ou participar das aulas remotas seu aprendizado está em evolução. Analisando as crianças que participam ativamente das propostas observa-se pontos progressistas no aspecto cognitivo, pois elas estão com uma pessoa exclusivamente para acompanhá-las. Já nos aspectos social, físico e emocional não tenho dúvidas que foram ceifados durante o ensino remoto. Diante de períodos onde o presencial não é possível, o ensino remoto pode e deve ser considerado benéfico. Jamais será a melhor opção quando pudermos ter escolha, pois sabemos que as crianças aprendem e se desenvolvem através de interações e brincadeiras, quanto mais trocas, experiências e vivências elas tiverem maior será a sua evolução. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

Constata-se no depoimento da professora A que fora observado progressos na aprendizagem das crianças, mas que os aspectos físicos e emocionais foram prejudicados. Segundo a docente, isso se deve a falta de interações presenciais gerada pela pandemia, o que a fez concluir que o ensino presencial é melhor que o remoto para as crianças, apesar de ressaltar os benefícios deste último quando o primeiro não for possível.

Quando essa mesma pergunta foi feita às mães, elas responderam que o “aprendizado não é 100% de garantia(sic) de aprendizado do aluno(a)”; “não aprendia muito”, “não conseguiam atender o aluno(sic) e nem sabe(sic) as dificuldades delas” (Depoimento das mães A, C e D, dados da pesquisa, 2021). Percebe-se pelos depoimentos dos envolvidos na pesquisa que a escola, na presença da docente, fez o possível para se adaptar ao ensino remoto e não interromper as aulas, mas a pouca familiaridade com o debate sobre a utilização dos recursos e ferramentas tecnológicas trouxe, por um lado, dificuldades enormes na garantia do ensino e da aprendizagem de maneira eficaz, já que

somente o conhecimento e a utilização de interfaces digitais não garantiam avanços ou inovações nas práticas educativas.

Esse fato pode ser observado na fala da mãe B que diz “nem todo o educador tem habilidade com a tecnologia e também modos de ensino online. Além de ter que ser adaptar de última hora também tem que elaborar métodos para transmitir uma boa aula para que receptor obtenha o conhecimento transmitido, ou seja, o aluno” (Depoimento mãe B, dados da pesquisa, 2021). Entende-se que essa conjuntura relatada pelas mães dos alunos e a professora entrevistada dificultaram a concretização satisfatoriamente daquilo que preceitua a legislação educacional no que concerne à educação infantil, sobretudo no que concerne à efetivação do cuidar, do brincar e do aprender, bem como desenvolvimento da criança enquanto sujeito produtor do conhecimento (OLIVEIRA, 2012).

Na atual sociedade, altamente ente digitalizada, discutir novas formas de ensinar e aprender torna-se essencial, talvez a pandemia ao forçar o professor usar os recursos tecnológicos disponíveis, tenha promovido, de alguma forma, o desenvolvimento profissional dos professores pelo Brasil a fora. No entanto, é preciso termos políticas públicas de investimento nas escolas brasileiras para que elas possuam condições de adquirir recursos tecnológicos, internet de boa qualidade e comece a introduzir as novas formas de ensino e de aprendizagem adquiridas na pandemia quando do retorno presencial. E todo esse aprendizado não se esvazie como um feito passageiro do contexto pandêmico. Neste particular, finalizamos nossa análise com a fala da professora A que diz:

Não tenho dúvidas que as crianças preferem estar no chão da escola, convivendo e experienciando as atividades no coletivo e de forma palpável, pois necessitam usar todos os sentidos para um bom e saudável desenvolvimento. Como já citado, caímos todos de paraquedas e tivemos que nos adequar. Percebo, principalmente agora na reta final, que estão cansados e às vezes não querem participar, nós também estamos sentindo o mesmo. (Professora A, dado da pesquisa, 2021).

## **Considerações finais**

A análise dos relatos da docente e das mães de alguns alunos evidenciam que as dificuldades no ensino remoto foram enormes, dentre as quais se destacam o acesso dos alunos às plataformas digitais e grupos de *whatsApp* criado pela escola, acompanhamento do processo de aprendizagem pelos pais, porque muitos não eram alfabetizados; frustrações e esgotamento do professor com o excesso de trabalho durante a pandemia, falta de infraestrutura das escolas, o que levou o professor a utilizar a residência dele como sala de aula, dentre outros.

O depoimento da professora mostrou um baixo índice de participação dos estudantes nas aulas remotas. A docente relatou que o número de estudantes ativos nas aulas era inferior

a 50% da turma. Somado a isso, a realidade financeira das famílias não as permitiam manter um plano de Internet. Ressalta-se que essa situação sempre ocorreu, não foi criada pela pandemia, mas ficou mais evidenciada durante o ano letivo de 2020. Outros problemas das escolas brasileiras também foram destacados pelos sujeitos da pesquisa como a pouca atenção das secretarias de educação à formação continuada dos professores, falta de planejamento emergencial para lidar com as adversidades apresentadas no ensino remoto e investimentos em infraestrutura que possibilitassem a escola oferecer condições dos professores realizarem as aulas da própria sala onde atuavam.

Os dados revelam que a professora fez o possível para se adaptar ao ensino remoto e não interromper as aulas, mas a sua pouca familiaridade com a utilização dos recursos e ferramentas tecnológicas trouxe, por um lado, dificuldades enormes na garantia de um ensino e aprendizagem eficazes, já que somente o conhecimento e a utilização de interfaces digitais não garantem avanços ou inovações nas práticas educativas, contudo por outro lado, o contato com novas formas de ensinar e aprender com as tecnologias foi uma excelente oportunidade de formação continuada para os professores.

Outra questão salutar evidenciada pela docente foi a impossibilidade de contato físico no ensino remoto. Segundo ela, isso dificultou o desenvolvimento dos aspectos sociais, físicos e emocionais das crianças de maneira satisfatória. Porém, tanto a professora quanto as mães concordaram que o ensino remoto trouxe pontos positivos para a escola e a Educação Infantil como a aproximação da instituição escolar com a família e o fato dos pais assumirem uma maior responsabilidade sobre a educação dos filhos, além do reconhecimento e valorização do docente e a melhor compreensão por parte da família sobre o processo de aprendizagem das crianças.

Desse modo, os sujeitos envolvidos na pesquisa relataram alguns pontos positivos e outros que precisam ser melhorados, que são, na verdade, problemas históricos da educação brasileira como precariedade da infraestrutura das escolas, a falta materiais de todo tipo, ausência de internet nas escolas, e, sobretudo, políticas públicas para sanar as desigualdades e diferenças que sempre existiram, uma vez que são oriundas da própria sociedade desigual que vivenciamos.

Por fim, os dados revelam que ser professor sempre foi e sempre será um desafio que exige aprimoramento, capacitação e atenção às mudanças que ocorrem na sociedade. No entanto, nesse desafio o professor não pode ficar só, como ocorreu na pandemia. É preciso que ele tenha como companhia políticas públicas bem planejadas, gestores educacionais preparados, investimentos em infraestrutura e formação continuada, dentre outros fatores que não o deixe a mercê do padrão de abandono que a educação sempre é tratada.

### Referências:

- Andrade, L. B. P. (2010). *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/109136>: Acesso em: 9 jan. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. (2010). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, 2010. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 9 jan. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. (2017). *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) . Acesso em: 01/11/2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> > Acesso em: 11/ 05/ 2020.
- Lüdke, M.; André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Oliveira, Z. (Org.). (2012). *O Trabalho do professor na educação infantil*. São Paulo: Biruta.